

“DOCUMENTO DE RESPOSTA: FALAR DE CRISTO EM UMA SOCIEDADE SEM DEUS”
Antonie Holleman, Distrito da Holanda, Igreja do Nazareno

Como falar significativamente sobre Deus e a vida Cristã em uma sociedade secular e pós-cristã? Eu escrevi minha resposta aos ensaios de Eugenio e Leclerc com essa questão em mente. O meu contexto é a Holanda, uma sociedade secular e multicultural onde a Igreja tem sido marginalizada. Como falar de Deus quando muitos associam o cristianismo com sistemas religiosos repressores? Como falar de vida santa quando muitos culpam cristãos por sua ética cheia de fallhas?

Teologia Centrada em Cristo Requer Obediência

Com o passar dos anos, eu tenho me convencido da necessidade de uma expressão nova de nossa fé vinda de uma ênfase renovada de teologia bíblica, parecida com a contribuição de Karl Barth na primeira metade do século XX. Mais do que qualquer coisa, um entendimento renovado do testemunho das Escrituras, faz-se necessário. Portanto, eu aprecio nos dois ensaios a concentração na vida de Jesus como narrada nos Evangelhos. Para colocar Jesus novamente (*re-Jesus*) na igreja, precisamos colocar Jesus novamente (*re-Jesus*) na nossa teologia através de uma foco renovado nas Escrituras.

A sabedoria da decisão do conselho da Calcedônia em 451d.C. é que ele estabeleceu limites para evitar interpretações de um único lado, sem explicar o mistério nem resolver a tensão. Cristo é totalmente divino e totalmente humano, sem qualquer confusão, mudança, divisão ou separação. Isso significa que precisamos falar de Cristo de duas formas; Ele é totalmente divino, a imagem do invisível (Cl 1:15), e totalmente humano como o segundo Adão (1 Co 15:45). Ele, portanto, nos fornece o conhecimento da autoridade de Deus e o que significa ser humano à imagem de Deus. Leclerc lida com os dois e Eugenio está primordialmente focado no segundo, com sua visão de Cristo como o Filho obediente e o Humano dependente.

Eu recebo bem a abordagem de Leclerc de descrever o caráter de Deus a partir da imagem humana de Jesus, como também o chamado para uma vida de humildade encarnacional, cheia do Espírito de Deus para resistir a tentação de exercer poder de forma inapropriada. Além disso, eu aprecio seu *insight* de que Jesus também morreu por aqueles que têm sido vítimas do pecado e pela convocação à solidariedade com aqueles que sofrem. O modelo que ela oferece ajudará a Igreja a falar de Deus em um ambiente pós-cristão e a ser uma testemunha num mundo cheio de opressão. A experiência dominante de um número crescente de pessoas é dessas que estão sendo vítimas do pecado alheio. Levar o evangelho como boas novas para essas pessoas exige uma ênfase diferente ou uma ordem diferente na forma como apresentamos o Evangelho, como também um tom diferente.

Eugenio apresenta uma descrição trinitária da identidade Jesus Cristo onde ele combina uma cristologia kenótica com uma pneumatológica. Jesus é o Filho obediente do Pai que esvaziou-se acumulando em si nossas fragilidades humanas e tornando-se o Humano dependente do Espírito Santo. Seu objetivo é corrigir a tendência de uma cristologia de adoção desprovida das características pneumatológicas. Eu não estou imerso o suficiente nos modelos atuais de teologia trinitária, mas eu quero ponderar as implicações desse modelo. Sua imagem de Jesus ajuda a Igreja a apresentar Cristo ao mundo e encorajar as pessoas na Igreja a tornarem-se mais como Jesus? Apesar de uma abordagem um tanto abstrata e técnica, seu modelo pode ajudar pastores na forma que eles apresentam Jesus às pessoas. Ela os ajudará a descrever Jesus como o exemplo para uma vida de santidade e no estabelecimento das prioridades certas.

A palavra chave para mim que une os dois ensaios é obediência. Obediência é a expressão da humildade e reconhece que os indivíduos têm um papel no plano de Deus para a Sua criação que supera suas vidas individuais. Jesus Cristo nos chama para uma vida de obediência ao Pai e dependência do Espírito, para vivermos uma vida de serviço, refletindo a humildade de Deus. Em

sociedades altamente individualistas que destacam a autonomia humana e a realização pessoal, essa mensagem cristã está tornando-se contra-cultural e, infelizmente, em muitas igrejas também.

Conhecendo a Cristo

Como deveríamos proceder? A pergunta que Jesus fez foi: “Quem vocês dizem que eu sou?” em resposta a conversa das pessoas sobre Jesus. A multidão havia ouvido Jesus falar, observado sua interação com as pessoas e seus vários milagres, e tentou elaborar uma interpretação de quem Jesus é. Seu ponto de partida foi Jesus de Nazaré, filho de Maria, mas ao ficarem mais familiarizados com ele, as descrições de Jesus passaram das dimensões históricas e humanas. Por fim, foi Pedro quem fez a confissão: “Tu és o Cristo” (Marcos 8:29; Lucas 9:20), e expandiu em Mateus 13:16 com as palavras: “Filho do Deus vivo.” O movimento do conhecimento de Cristo nos evangelhos parte do humano para o divino.

Em suas palavras sobre a *kenosis* de Cristo, Paulo reconhece esta ordem. Ele declara que Cristo foi “encontrado em forma humana” (Fl 2:8, NVI). Ele apareceu totalmente como humano, e sua natureza divina somente era reconhecida quando o relacionamento dele com as pessoas amadurecia. É assim que os evangelhos contam a história de Cristo. Depois das narrativas do nascimento em Mateus e Lucas, Jesus de repente apareceu à beira do rio Jordão como totalmente humano e iniciou o seu ministério. Quando as pessoas observaram o que Jesus estava dizendo e fazendo, elas começaram a reconhecer que Jesus não era um homem comum, abrindo a porta para as especulações sobre sua identidade.

A ordem de conhecer a Jesus começa com a apresentação humana do Deus encarnado. E como consequência da encarnação, está a impressão combinada de todos os sentidos humanos ao invés de palavras teológicas e modelos que disparam os questionamentos de quem Jesus é. Também, quando João Batista estava na dúvida e enviou seus discípulos até Jesus para perguntar se ele era de fato aquele que havia sido prometido, Jesus respondeu: “Voltem e anunciem João o

que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos vêem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres” (Mt 11:4-5, NVI).

Se a sequência do conhecimento de Cristo vai da natureza humana para a divina, como ela deveria nos guiar na apresentação de Jesus Cristo ao mundo? Ao invés de começar com as palavras que precisamos para começar com a teologia encarnada, mostrar a nossa fé pelas obras como recomendado em Tiago 2:18. Como corpo de Cristo, precisamos apresentar o Cristo tangível e encarnado para o mundo, para que as pessoas comecem a perguntar: “Quem são as pessoas que se chamam cristãs?” Em uma sociedade pós-cristã a Igreja só consegue recuperar a confiança das pessoas por suas obras. Chega de palavras vazias! Essa tarefa de conseguir de volta a nossa credibilidade mostrando a nossa fé nas nossas obras de compaixão para as pessoas sem igreja e fora da igreja, e mostrando como a igreja lida internamente com as diferenças de opinião, explica o “porquê” da santidade. Para fazermos o que cremos, precisamos de transformação interna do Espírito Santo para sermos semelhantes à Cristo nas obras.

Na minha opinião, Leclerc e Eugenio nos dão ferramentas adequadas para testemunharmos Cristo em sociedades seculars e pós-cristãs. Crer que Deus pode ser conhecido na vida de um ser humano não é somente desvendar o retrato humano de Cristo para a nossa imagem de Deus, mas é também viver a mesma vida de serviço e humildade em um mundo baseado no poder. Ao descrever Jesus como o Filho obediente do Pai e o Humano dependente, Jesus Cristo torna-se um modelo para nós de como viver uma vida de santidade. Jesus é a revelação definitiva do caráter de Deus e da essência de ser humano.